

# Diversão & Arte

O CORREIO CONVERSOU COM UM ESPECIALISTA E UM FUNKEIRO PARA ACHAR EM COMUM O FATOR SOCIAL DO GÊNERO QUE CONQUISTOU O BRASIL E BUSCA A DOMINAÇÃO MUNDIAL: O FUNK

## O BRASIL NA BATIDA DO PANCADÃO

» PEDRO IBARRA

Tambores ancestrais africanos se uniram às batidas eletrônicas de Miami para servir de pa- no de fundo aos moradores da favela que, cansados de apenas ouvir, também queriam falar. Munidos de um discurso sobre questões sociais e com a libido à flor da pele, os MCs empunharam o microfone para mos- trar o Brasil ao "Brasil". Assim nasceu o funk, que, como o samba antes de- ra, sofreu resistência e preconceito pe- ra, tão logo, se alastrar e tornar-se pe- dra fundamental da cultura brasileira. As vielas da comunidade, que ecoavam a batida dos pancadões, fi- caram pequenas. Logo, as avenidas

das capitais passaram a se embalar ao som do funk. De repente, o Brasil, to- mado pelo som, já não era suficiente. Anitta, com ambição e visão, revestiu a música pop daquele ritmo que tanto ouviu na infância e mostrou ao mun- do que o Brasil pulsa a 150 batimen- tos por minuto. "Eu apresentei um rit- mo que, por muitos anos, foi conside- rado um crime. Eu fui criada na favela e, por muitos anos, não imaginamos que isso seria possível", disse a can- tora, enquanto erguia a estatueta de uma das maiores premiações interna- cionais de música. A rica história, por tanto tempo mal vista, precisa ser re- visitada e contada com propriedade. E o *Funk.doc*, dirigido por Luiz Bolog- nesi, assim o faz.

### O HERDEIRO DO SAMBA?

"Um movimento dos afrodescen- dentes, moradores da quebrada que faz uma revolução a partir da cultura", diz Luiz Bolognesi sobre o funk. Porém, o documentarista, responsável pela série da HBO Max *Funk.doc: popular & proi- bido*, poderia estar falando de qualquer outro movimento negro historicamente conhecido do Brasil. Segundo o cineas- ta, do samba ao black Rio, do candom- blé a capoeira, todos sofreram para se- rem aceitos pelo público como cultura por serem movimentos vindos de povos marginalizados. "O que vem de pretos da periferia deste país, é sempre tratado como caso de polícia", critica Bolognesi. Foi dessa vontade de entender como

funcionava esse gênero, que fazia todo mundo se mexer, mas que tinha letras por vezes explícitas, misóginas, machis- tas e sexistas, que Luiz investiu sete anos de estudo no documentário que está li- tando episódios semanais na plata- forma HBO Max. "O processo foi mais ou menos o seguinte, eu me encantei com as músicas e fiquei chocado com algumas letras, que me pareciam um pouco misóginas e que realmente são. Então fui fazendo perguntas para eles e entendendo o processo", lembra. Dessa forma, conforme entrevista- va MCs, dançarinos, DJs e especialis- tas, o documentarista foi se despidendo dos próprios preconceitos. "O funk so- ffre preconceito por dois motivos básis- cos. Um: o Brasil é racista; dois: o Brasil

é classista", diz o pesquisador, que acre- dita que a melhor forma de mostrar o funk é por meio da fala de quem faz a música. "O que a nossa série quer fazer, é dar voz para que eles mesmos enxer- quem essa potência, falem sobre essa perseguição e mostrem a beleza e a for- ça do funk, além do lugar extraordiná- rio a que ele está chegando como vetor econômico, como indústria gigantesca", complementa.

Apesar de exaltar esse movimento, Bolognesi assume que o teor das letras nem sempre é respeitoso com as mu- lheres. No entanto, para ele é um reflexo do contexto. "O Brasil é misógeno, sexis- ta e machista. Você está em um ônibus, uma empresa, o ambiente é machista. O governo e o Congresso também são machistas, então por que não vai haver machismo no funk?", questiona. "Agora, querer reduzir o funk a machismo, é sa- canagem. Porque o machismo está em todo lugar e o funk vai muito além, or- ganiza uma voz de resistência", adiciona. Luiz ainda dá o contraponto ao feminis- mo de cantoras do gênero. "As mulheres de funk como Valesca Popozuda, Rebec- ca, Ludmilla e Anitta falam sobre empo- deramento feminino como nenhuma intelectual branca consegue. São au- tências de sexualidade para o país", conclui. Luiz vê a mistura de um bom ritmo, com a diversidade de públicos e uma entrada no mercado mainstream,



Furacão 200 em imagens recuperadas pela série

como a chave do sucesso nacional e in- ternacional do funk. "É uma cultura mui- to forte, como foi o samba e capoeira. Que por meio do movimento do tam- bor, organiza a própria resistência. Ele minou e entrou por dentro do inimigo. A elite econômica brasileira ouve funk, os jovens ouvem, o gênero tomou con- ta do TikTok. Cada vez se vê mais crian- ças e adolescentes, cortando o cabelo e sobrançelha igual os funkeiros, usar as

mesmas roupas. Isso vem tudo da pe- riferia", explica. "Os afrodescendentes e indígenas aprenderam durante sé- culos que não dá para enfrentar o po- cular da branquitude batendo de fren- te. É conquistar por dentro, pelos cora- ções e mentes da branquitude. É o que o funk faz. Ele vai entrando e quando vê tem igreja evangélica fazendo funk gospel, sertanejo funk, o agro está dan- çando funk", finaliza.

### PELOS OLHOS DE QUEM FAZ

O estudo é importante, contudo a palavra da vivên- cia diz muito sobre como o funk é uma ferramenta social para jovens de todo país ho- je. O paulista MC Hariel é um exemplo. Com a morte prece- ce do pai, teve que começar a trabalhar para ajudar a famí- lia aos 12 anos. Entregou pi- zza, foi office boy e lavou car- ro para ajudar a mãe. Foi com o funk que conseguiu achar uma forma para mudar de vi- da e hoje, como ele diz no tí- tulo do último álbum que lan- çou em maio: *Mundão girou*. Ele tem mais de 4 milhões de ouvintes mensais e, como ar- rimo de família, mudou com- pletamente de realidade.

"No momento que o funk entrou na minha vida, mudou tudo. O funk me proporci- onou colocar uma caixa d'água em casa e tomar banho a ho- ra que eu quisesse, coisa que não tem preço. Uma Gucci ou uma Ferrari não valem tanto", recorda o artista. Ele vê o funk como uma grande chave para abrir portas que as pessoas da mesma quebrada que eles não tiveram. "Eu to ali para repre- sentar uma parcela que se não tivesse em cima do palco não seria nem bem-vinda", clama em entrevista ao Correio.

Porém, para chegar on- de chegou precisou primei- ro entrar, tentar cantar. Ele só

conseguiu, porque, segundo ele, o funk aceita a todos e é um ritmo plural e simples. "O que me levou para o funk foi ver todo o contexto social que aquilo envolvia, nem nós mes- mos entendíamos que aquilo era um movimento social, de inclusão e diversidade pura e genuína", afirma Hariel. "Antes de todos esses assuntos serem discutidos, o funk já abria os braços para todo mundo. Não tenho um violão, mas só de bater palma já posso ser fun- keiro", acrescenta.

Ele não teve muito conta- to com pai, mas viu o patriarca compor e cantar músicas em uma banda de canções lati- noamericanas. Ele não seguiu o mesmo gênero musical do pai, mas se achou igualmente. "Eu nasci para fazer isso mes- mo, para fazer música, fazer funk. Mas o que aparecer para mim eu faço, me interesse por criar", conta e ainda adiciona que nada é melhor para ele do que estar em casa, onde tudo começou. "Eu corri, conquisei o mundo e, ainda assim, o lugar que eu mais sou feliz é a quebradinha que eu naci, com muita gente humil- de. Eu me sinto melhor que em qualquer lugar do mun- do", comenta.

Assim ele continua, se- guindo os passos das pró- prias referências e tentando

ser espelho para que outros consigam enxergar nele um futuro mais próspero. "Não quero ver outros molecotes, que por qualquer razão es- tão sem perspectiva. Meninos e meninas que acabaram de perder um ente querido, ou que precisam trabalhar para ajudar a mãe. Esses menores que perdem a infância, que só querem saber das notas se fo- rem de 100, se forem as laran- jinhas da onça", fala. "O que me inspira até hoje é retribuir tudo aquilo que o funk me deu. Quero levar para outro o que o funk trouxe para a mi- nha vida", encerra.

Colaborou Pedro Almeida\*

MC Hariel: a voz de quem faz



Alex Cicero/Divulgação

### DESTAQUES DA SEMANA



CONFIRA PROGRAMAÇÃO COMPLETA:  
[CINECULTURA.COM.BR](http://CINECULTURA.COM.BR)

\*exceto feriados.  
CLUBE do assinante 50% DE DESCONTO  
Desconto válido nas terças e quintas-feiras\*

CineCultura  
LIBERTY MALL

SHOPPING CENTER LIBERTY MALL | ☎ 61 3326-1399